

GOTTFRIED DE PURUCKER TRÊS ESTÁGIOS DA VISÃO DA VERDADE

[*Wind of the Spirit*, pp. 273-75 (edição original 1944)]

A abertura psicológica do ser humano à verdade, ao ingresso de nossa Sabedoria-Deus, em outras palavras, o treinamento pelo qual todo verdadeiro teosofista passa, começa quando ele é tocado e seu coração se abre — começa mesmo sem que ele o saiba. Esta abertura do coração pode ser dividida em três etapas. Estamos familiarizados com elas naquela forma de budismo que teve origem na China, vindo da Índia. Em sânscrito é chamado de forma-Dhyāni, e no Japão é conhecido como a forma Zen do pensamento budista. Ela se expressa um pouco como se segue, e se aplica igualmente bem à Teosofia porque a forma-Zen ou a forma-Dhyāni do budismo é apenas um ramo do pensamento teosófico.

O estudante ao entrar no vestíbulo do templo da sabedoria, e mais tarde ao entrar no próprio templo, passa por três fases de abertura interior - esta é a palavra que eles usam. Assim, na primeira fase, a montanhas e as águas da terra são montanhas e águas, e são reconhecidas como dignas de estudo e pesquisa, e sua maravilha é vista e sentida; mas eles são apenas montanhas e apenas águas.

Mas, por estudo e aspiração à verdade, finalmente vem a segunda abertura psicológica de seu caráter, de sua compreensão, de seu ser. Ele percebe que as montanhas e as águas, ainda que bonitas e maravilhosas para o estudo, são afinal aspectos, aparências, fenômenos do númeno subjacente, os efeitos de causas invisíveis e secretas; e ele percebe nesta segunda fase da abertura de seu ser que, se ele quer a verdade, ele deve ir mais fundo e estudar a ciência das montanhas e das águas da Terra. Ele deve investigar as causas que as trazem à existência, as causas internas e as energias que produziram as montanhas e as águas. Ele percebe que as montanhas e as águas, porque são efeitos, fenômenos, aparências, embora relativamente reais, são apenas ilusões, māyā, porque a verdade real está dentro e por trás delas. E todo o seu ser está envolto no pensamento desta maravilha.

Então, gradualmente ele começa a sentir a profunda sabedoria do velho ditado que diz que o universo inteiro é um fenômeno e, portanto, ilusório, mas ilusório apenas porque não o entendemos direito. Isso não significa que o universo não exista. Isso é um absurdo e uma construção errada. Ele percebe que não o entendemos direito, que devemos ver por trás e por dentro. O visível deve retratar o invisível, o efeito deve nos ensinar as causas subjacentes. Nesta fase ele começa a sentir sua unidade - e esta é a melhor parte da segunda fase da revelação psicológica deste sistema de treinamento pelo qual o teosofista passa e ama tão bem - ele começa a sentir sua verdadeira unidade com tudo o que é, pois ele percebe que, como homem físico, ele é apenas um fenômeno, um efeito; que ele é de fato o produto de causas secretas e invisíveis; que por trás do fenômeno do homem físico, está o númeno espiritual humano. E ele cresce muito reverente e um grande senso de beleza simpática entra em seu coração porque ele percebe que ele é apenas um de todos os seres e entidades e criaturas que enchem o universo. E ele começa a sentir, a partir deste momento, que a ética não é uma mera convenção humana; a moral está enraizada no próprio tecido e nas próprias matérias de natureza universal. Ele sente imensamente sua unicidade com tudo o que é. “Eu e meu Pai somos Um”.

E isto leva ao terceiro passo de abertura psicológica, e neste terceiro passo ele percebe o maravilhoso paradoxo de tudo o que ele conhecia antes nos dois estados anteriores. Neste terceiro passo ele aprende que para dentro e para cima, expansivamente para cima, mas sempre para dentro, as montanhas afinal são reais, e as águas afinal são reais em um certo sentido maravilhoso, por mais

ilusórias que possam ser para nossa compreensão humana relativamente imperfeita, no entanto é a realidade fundamental que as produziu, assim como nós como fenômenos somos trazidos à tona.

Assim, vemos, ao mesmo tempo, que a única realidade é o divino e, no entanto, ao mesmo tempo vemos que este divino, por ser totalmente real, torna real, em certo sentido, até mesmo a aparência ilusória dos fenômenos cósmicos. E aplicando isto a nós mesmos, sentimos que a única parte real do homem é o divino dentro dele; e ainda assim, precisamente porque este divino é a realidade, aquele fenômeno muito físico que chamamos de homem físico é, num certo sentido maravilhoso, real também. Voltamos, o círculo se reintegrou. Voltamos ao ponto de partida. Primeiro, havia apenas montanhas e águas que eram as únicas coisas reais; e então as montanhas e águas foram vistas como sendo apenas as vestimentas, as roupagens das realidades secretas e invisíveis; e então o passo seguinte nos levou à compreensão de que precisamente por serem coisas reais não podiam produzir irrealidades essenciais; de modo que as próprias montanhas e águas, estranho paradoxo, são tanto reais quanto irrealis. Feliz o homem que pode compreender este terceiro passo.

A chave para este entendimento é outro pensamento que eu retomarei do Dhyāni-Budismo, porque é bastante conhecida no Ocidente, principalmente através dos escritos zen-budistas do Professor Suzuki do Japão (de quem, a propósito, eu não tirei este extrato). Eis aqui o pensamento Zen. Ouçam com atenção, por favor, porque o significado é muito escorregadio. “No vento das montanhas e o sol das terras baixas, no outono da noite e nas brumas da madrugada, chora-se em voz alta: Somente Aquilo era, é, será”.

O universo inteiro é Aquilo, e todos os seus fenômenos são as produções do númeno divino, ou do divino pensamento; para que todos sejam essencialmente unificados em uma unidade divina. De uma forma bastante pragmática, podemos derrubar este pensamento e dizer que todos os homens são irmãos, que cada um é o guardião de seu irmão. Você vê o caminho da conduta? Qualquer violação deste caminho, significa se colocar em oposição a toda a própria natureza universal.

Há um caminho para a paz e felicidade e sabedoria e poder. Assim que o homem percebe que é um com a Natureza, e a Natureza é uma com ele, sua consciência se torna, vibrantemente falando, em sintonia com as pulsações do coração cósmico; e é por isso que os grandes sábios e videntes podem trabalhar maravilhas no mundo: curar e ressuscitar; reter a consciência após a morte; transportar o ego pensante para campos distantes e estar lá em pensamento autoconsciente e ver tudo o que passa ao seu redor; e muitas outras coisas mais. Pois o Universo e nós somos um só. Há apenas uma vida e esta vida também é pensamento cósmico.
